
A perspectiva enunciativa na análise da aquisição tardia de segunda língua: contribuições para pensar a Clínica Fonoaudiológica

The enunciative perspective in the analysis of second-language late acquisition: contributions to be considered by the Speech Language Therapist

La perspectiva enunciativa en el análisis de la adquisición tardia de un segundo idioma: contribuciones para pensar la Clínica Fonoaudiológica

*Beatriz dos Santos Carvalho**

*Ana Paula Ramos de Souza**

Resumo

Esta comunicação analisou as reflexões que um sujeito adulto em intervenção fonoaudiológica fez acerca da aquisição tardia do português brasileiro como segunda língua a partir de um enfoque enunciativo, deslocando para a análise os princípios da intersubjetividade, da relação forma-sentido e transversalidade de níveis linguísticos propostos para a avaliação de linguagem. O sujeito da pesquisa era um falante de espanhol como língua materna, adulto, psicólogo e professor universitário, que se encontrava em atendimento fonoaudiológico com a intenção de melhorar o seu português falado, e consentiu em participar da pesquisa. Os dados analisados referem-se a uma entrevista, elaborada e filmada pela fonoaudióloga e posteriormente transcrita ortograficamente. Buscou-se demonstrar, a partir das cenas da entrevista, a ação

**Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil.*

Conflito de interesses: Não

Contribuição dos autores: BSC foi responsável pela coleta e análise de dados, bem como pela redação do artigo. APRZ foi responsável pela escolha do enfoque teórico utilizado na análise e revisão da redação do artigo.

Endereço para correspondência: Beatriz dos Santos Carvalho. Santa Maria, RS, Brasil

E-mail: fgabeatriz@yahoo.com.br

Recebido:

Recebido: 08/04/2015 Aprovado: 02/10/2015

dos princípios mencionados, bem como realizar uma reflexão acerca do sofrimento pelo qual um sujeito em aquisição de segunda língua pode passar por não compreender e não ser totalmente compreendido, pela dificuldade de inserção e interação sociais advindas das falhas na comunicação. Evidenciou-se que pouca atenção se tem dado ao sofrimento do aprendiz de segunda língua e ressaltou-se a posição terapêutica do fonoaudiólogo como profissional que lida com o sintoma de linguagem.

Palavras-chave: Multilinguismo; Linguagem; Fonoaudiologia

Abstract

This paper analyzed the reflections that an adult made about the late acquisition of Brazilian Portuguese as second language in speech therapy, from a enunciative approach, shifting to analyze the principles of inter-subjectivity, the form-sense relation respect and transversality of linguistic levels for language evaluation. The research subject was a speaker of Spanish as mother language, adult, psychologist and university professor, who was in speech therapy with the intention of improving his spoken Portuguese, and consented to participate. The data analyzed refer to an interview, developed and filmed by the speech therapist and later transcribed orthographically. We attempted to demonstrate, from the interview scenes, the action of the mentioned principles, as well as perform a reflection on the suffering that a subject in second language acquisition can go through not understanding and not being fully understood, the difficulty of insertion and social interaction arising from miscommunication. It showed that little attention has been given to the second language learner's suffering, and emphasis was placed on the therapeutic position of the speech therapist as a professional that deals with the language of symptoms.

Keywords: Multilingualism; Language; Speech Language Pathology and Audiology.

Resumen

Esta comunicación analizó las reflexiones que un sujeto adulto en terapia fonoaudiológica hizo sobre la adquisición tardía del portugués brasileño como segunda lengua desde un enfoque enunciativo, trayendo para el análisis los principios de la intersubjetividad, de la relación forma-sentido y transversalidad de los niveles lingüísticos, propuestos para la evaluación del lenguaje. El sujeto de la investigación era un hablante del español como lengua materna, adulto, psicólogo y profesor universitario, que estaba en terapia fonoaudiológica con la intención de mejorar su portugués hablado, y consintió en participar de la investigación. Los datos analizados se refieren a una entrevista, desarrollada y filmada por la fonoaudióloga y posteriormente transcrita ortográficamente. Se trató de demostrar, a partir de las escenas de la entrevista, la acción de los principios mencionados, así como realizar una reflexión sobre el sufrimiento que un sujeto en la adquisición de una segunda lengua puede pasar, por no entender y no ser totalmente entendido, y por la dificultad de inserción y interacción sociales que surgen de las fallas de comunicación. Se demostró que hasta el momento se ha dado poca atención al sufrimiento del estudiante de un segundo idioma, y se resaltó la posición terapéutica del fonoaudiólogo como profesional que se ocupa de los síntomas de lenguaje.

Palabras clave: Multilingüismo; Lenguaje; Fonoaudiología

Introdução

O tema da aquisição da linguagem, na perspectiva enunciativa benvenistiana¹, embora recente no campo linguístico, já apresenta seus efeitos em alguns estudos acerca do risco à aquisição da linguagem²⁻⁵. Tais estudos demonstram a potencialidade desta teoria na análise do processo de apropriação linguística, pela possibilidade analítica de

questões que abrangem a clínica dos distúrbios de linguagem porque relacionadas ao risco à aquisição da linguagem de primeira língua.

Outros trabalhos no campo da clínica dos distúrbios de linguagem também evidenciam a potencialidade da visão enunciativa benvenistiana para pensar o falante em seu funcionamento de linguagem⁶⁻⁹. Esse potencial parece relacionar-se a princípios enunciativos que, quando deslocados

para a reflexão acerca de cenas clínicas, proporcionam dispositivos analíticos produtivos no processo de avaliação e intervenção junto a sujeitos com distúrbios de linguagem. Destacam-se entre tais princípios a intersubjetividade, a relação forma-sentido e a transversalidade de níveis linguísticos, apresentados por Cardoso⁸ em sua tese de doutorado.

Neste artigo, tais princípios são deslocados para refletir acerca de cenas clínicas das quais participam uma fonoaudióloga e um sujeito adulto, cuja língua materna é o espanhol, em processo de aquisição do português brasileiro como segunda língua. Mais especificamente, busca-se analisar as reflexões que o sujeito traz sobre o processo de aquisição linguística a partir do foco terapêutico dado à forma, em especial a aspectos fonológicos, tanto na dimensão perceptiva quanto em termos de produção de fala.

Sabe-se que estudos de aquisição de segunda língua (L2) são unânimes em afirmar que o conhecimento da primeira língua (L1) interfere na aquisição da segunda língua, sobretudo em termos fonológicos¹⁰⁻¹³. No entanto, tais estudos não abordam as relações do falante com seu processo de aquisição, nem discutem a apropriação linguística nos distintos contextos de vivência do falante. A entrevista que aqui será explorada parece trazer uma série de dados muito interessantes para pensar a relação que o falante, em aquisição de L2, tem com a nova língua, e como um trabalho fonoaudiológico pode trazer contribuições a esse processo.

Embora a língua tenha uma função cultural, o ato da enunciação é individual, pois se dá por meio de um processo de apropriação da língua¹⁴, o que dá o caráter subjetivo da linguagem. Ao se declarar locutor, um falante coloca o *outro* diante de si, e se propõe como sujeito. Isso faz com que a linguagem seja possível: cada locutor, ao se colocar como sujeito, remete-se a ele mesmo como eu em seu discurso e constitui o outro como tu. As autoras¹⁴ ressaltam, portanto, a singularidade do funcionamento de linguagem, bem como que esta singularidade se dá em um processo intersubjetivo. Tratam, portanto, de um processo subjetivo na linguagem, distinto da noção de subjetividade advinda do campo psicanalítico.

A intersubjetividade é um princípio que está na base da reflexão de Benveniste sobre a linguagem. Cardoso⁸ afirma a primazia do caráter intersubjetivo da linguagem, pois quando o locutor se propõe

como sujeito no exercício da língua, ele o faz em função de que a reciprocidade e a consciência de si mesmo só são experienciadas por contraste, ou seja, na relação com seu interlocutor.

Outro princípio abordado por Cardoso⁸ foi o da relação forma-sentido, por meio do qual o autor diferencia e relaciona domínio semiótico, ou domínio do sistema da língua, ao processo de semantização. Este se relaciona ao funcionamento linguístico por meio do qual o sujeito atualiza seu conhecimento linguístico a cada ato enunciativo. Sabe-se que a Fonoaudiologia investiu na descrição do domínio semiótico, tradicionalmente referido como gramatical, mas ainda são poucos os trabalhos neste campo que exploram como o falante semantiza a língua na interlocução com o outro. Na infância, já existem alguns artigos publicados na fonoaudiologia^{2,3,4,9} que indicam a importância clínica dessa distinção.

A transversalidade de níveis linguísticos foi outro princípio proposto por Cardoso⁸ para a avaliação dos distúrbios de linguagem. Este princípio afirma que o olhar sobre níveis gramaticais isolados impõem um reducionismo nas análises de linguagem, pois em qualquer ato enunciativo o processamento dos níveis linguísticos é simultâneo e, portanto, algum impedimento em um nível, seja ele ocasional ou característico de um distúrbio de linguagem, acaba por se refletir nos demais níveis. Assim, o impedimento, por exemplo, no nível fonológico pode trazer consequências em outros níveis linguísticos como o semântico, o sintático no processo de interlocução. Cabe ao fonoaudiólogo observar como os níveis funcionam dinamicamente. Por isso, o autor defende o diálogo como unidade de análise em uma avaliação de linguagem.

Considerando tais princípios, este artigo pretende deslocá-los para analisar o relato de um falante acerca do processo de aquisição do português brasileiro como L2.

Descrição

A motivação para este artigo de comunicação surgiu a partir do atendimento de um sujeito adulto (referido a partir de agora como P.), argentino, que reside no Brasil há 16 anos e resolveu procurar ajuda fonoaudiológica para melhorar o seu português falado. O caso tornou-se interessante pelo fato de este paciente ser professor universitário da área da psicologia e fazer, juntamente com a fonoaudióloga, uma grande reflexão sobre as diferenças na

aquisição da língua materna ou de uma segunda língua bem como sobre a intersubjetividade da linguagem.

P. tinha 45 anos no momento da entrevista inicial. Buscou ajuda fonoaudiológica porque percebeu que sua fala interferia nas relações com as pessoas, já que elas precisavam prestar muita atenção para entendê-lo, o que lhe gerava inseguranças. Seu filho já havia realizado atendimento fonoaudiológico com a profissional, o que o motivou a buscar ajuda. Nas situações de trabalho, observou que muitos alunos sentiam dificuldades em acompanhar suas aulas, alguns se esforçavam e acabavam se acostumando com seu “sotaque”, e outros o evitavam. Também relatou que já deixara de aceitar alguns convites profissionais para palestras ou cursos por causa de seu parco domínio da língua. Descreveu dificuldade para diferenciar alguns sons do português e a partir disso reproduzi-los. Também fez referências a algumas dificuldades com a gramática, especialmente em plurais e tempos verbais. Referiu não ter dificuldade de ler em português, apenas algumas dúvidas gramaticais ou ortográficas na escrita.

No momento da entrevista que serviu de base para as reflexões deste artigo, P. encontrava-se em intervenção fonoaudiológica há um ano e o foco do trabalho havia sido a discriminação e a produção fonêmica (/z/, /ʒ/, /tʃ/, /dʒ/, vogais abertas e vogais nasais). Outros aspectos gramaticais não foram enfocados diretamente como os aspectos fonológicos, mas sempre emergiam nas interações entre a terapeuta e P.

A entrevista utilizada neste artigo foi realizada com o consentimento de P. e inseriu-se no projeto registrado sob CAE 19100713.8.0000.5346. Para formulação das perguntas, a fonoaudióloga analisou aspectos que se repetiam na fala de P. demonstrando ser marcantes em sua experiência com L2. A entrevista foi filmada no próprio consultório em uma sessão específica para a mesma e depois transcrita ortograficamente.

As cenas de linguagem selecionadas para este artigo foram transcritas de acordo com as normas de transcrição adotadas pelo banco de dados Enunsil (Enunciação e Sintoma na Linguagem) coordenado por Flores¹⁵, que podem ser visualizadas no Quadro 1.

(.) um ponto entre parênteses	Indica que há uma pausa curta intra ou interturnos
(...) três pontos entre parênteses	Indicam que há uma pausa longa intra ou interturnos
PALAVRA letra maiúscula	Indica fala com intensidade acima da fala que a rodeia
Palavra- hífen	Indica corte abrupto de fala
() parênteses vazios	Indicam que o transcritor foi incapaz de transcrever o que foi dito – segmento ininterpretável.
(()) parênteses duplos	Indicam comentários do transcritor sobre o contexto enunciativo restrito

Quadro 1- Convenções de Transcrição

A seleção das cenas se deu por meio de um olhar e escuta direcionados pelo objetivo desta análise que era trazer evidências sobre a presença dos princípios de intersubjetividade, relação forma-sentido e transversalidade dos níveis na reflexão

que o sujeito fez acerca do seu processo de aquisição do português brasileiro como L2.

Análises

A cena a seguir apresenta o início da entrevista da fonoaudióloga com P.



Fonoaudióloga	P.
Então, P, (.) depois de tantos anos residindo aqui no Brasil, porque você sentiu necessidade de melhorar o seu português falado AGORA, nesse momento	
	Recorte 1: ((pensa, suspira, se ajeita na cadeira)) Ah, bem (.) Deve ter um processo onde vai se tomando consciência da (.) distância que uma linguagem mal incorporada coloca (.) nos coloca nos outros né? Talvez eu tive um primeiro momento de um aprendizado espontâneo onde eu não conseguia avaliar o compro- o (.) o grau de distorção que minha compreensão acústica tinha. Vivi isso com certa(.) naturalidade talvez. Incorporando muitos outros signos que fazem parte da linguagem, da cultura e tem (.) e sempre minimizando talvez a parte da (.) da linguagem falada.

Quadro 2 – Cena 1

Legenda: P. - sujeito do estudo.

A partir desta cena, pode-se verificar a consciência de P. sobre a intersubjetividade da linguagem, quando ele diz sobre a “distância que a linguagem mal incorporada coloca nos outros”. Isso porque é a condição de intersubjetividade da linguagem que possibilita a comunicação entre as pessoas¹⁶.

Outro aspecto interessante em sua fala é a identificação de dois períodos de aprendizado: um espontâneo e outro direcionado. No período espontâneo foi incorporando signos, mas não avaliava os efeitos que as alterações de forma apresentavam na interpretação por parte do interlocutor. Nesta cena, parece dar-se conta de que a reação dos outros de não interpretação de sua fala o induziu a perceber suas carências no domínio da forma e que as mesmas não poderiam ser negligenciadas, pois tinham efeito no sentido. Assim, buscou o segundo período de aprendizado, direcionado.

Trata-se, portanto, da indissociabilidade entre forma e sentido no funcionamento de linguagem. Apenas no processo de semantização é que P. foi-se dando conta de que necessitava aprimorar a forma

para que o interlocutor conseguisse interpretar sua fala.

Em seu texto, Machado¹⁶ traz uma reflexão sobre as contribuições que a teoria Enunciativa pode trazer para o estudo da aquisição de L2, especialmente no que diz respeito ao estudo da singularidade presente nessa aquisição em oposição à repetibilidade, ao olhar sobre o interlocutor como figura ativa e a ênfase à intersubjetividade. Ele coloca que o acesso à L2 introduz o aprendiz gradualmente em outra sociedade e outra cultura, diferentes daquela à qual ele pertencia com sua L1. Na fala de P. pode-se verificar sua consciência de tal fato, quando diz que incorporou “outros signos que fazem parte da linguagem, da cultura e sempre minimizando, talvez, a parte da linguagem falada”.

Conforme Benveniste, o homem é um ser na linguagem, mas não o é sozinho: precisa do outro¹⁷. A importância da intersubjetividade como espaço de contraste fica ressaltada no recorte a seguir, corroborando a proposta de tal princípio por Cardoso⁸.

Fonoaudióloga	P
E(.) o que motiva a você a conhecer melhor português(.) brasileiro, o que que é interessante neste português?	
	Recorte 1: Sobreviver.
	Recorte 2: Mas aqui mesmo é mesmo um estado de (.) de viver (.) e (.) compartilhar, participar da língua, poder incorporar, poder inserir-se melhor nos campos sociais. Acho que é (.) por aí.

Quadro 3 – Cena 2

Legenda: P.- sujeito do estudo



Nesta cena, P. enfatiza novamente a dificuldade de incorporação de um sujeito nos campos sociais por causa de não possuir um domínio linguístico suficiente. Afirma também algo que Benveniste¹⁸ (p.222) já dizia acerca de que “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver”.

A teoria da Enunciação, quando empregada na aquisição de L2, preocupa-se com os modos singulares com que cada sujeito consegue se assumir como locutor nessa nova língua¹⁶. Considerando a subjetividade como sendo a capacidade do locutor em se propor como “sujeito”, e entendendo que essa proposição tem como condição a linguagem¹⁷, P. não consegue sentir que assume um lugar pleno

como locutor e sujeito quando fala em português brasileiro. Seu domínio precário da L2 lhe gera insatisfação quanto a conseguir dizer exatamente o que deseja, e lhe parece ser mais frequente do que o tolerável por ele o fato de o interlocutor não alcançar a total compreensão do que ele quer comunicar. Sabe-se que mesmo para falantes de L1 isso pode acontecer, mas, quando emerge um sofrimento frequente como no caso de P., isso demanda uma escuta terapêutica, conforme salienta Surreaux⁶.

O terceiro princípio citado, da transversalidade entre os níveis linguísticos, pode ser evidenciado na cena a seguir.

Fonoaudióloga	P.
E em que situações que você nota que o uso da língua facilita ou dificulta a interação social? O uso que se faz da língua (.).	
	Recorte 1: Bom , eu aprendi que desconhecia muitos fonemas então (.) dá para perceber quanto que aquele que (.) vive o português como a língua mãe, vai sentir parte de seu MUNDO, seu mundo linguístico, vai estar sendo agredido quando alguém não faz distinção entre os fonemas então eu acho que de algum modo dificulta porque (.) a gente não tem a (.) a CAPACIDADE de, de inserção clara, natural, de participação e (.) a partir disso é, cria é, barreiras.
	Recorte 2: palavras que eu não identificava eu não conhecia mas e também se não me impediam de reconhecer o contexto não me importava de determinada palavra eu não estar reconhecendo e (.) então eu não escutava algumas palavras e não sabia utilizar. Então isto criava uma distância se eu não tenho incorporado a distinção dos fonemas então eu acho que (.) eu (.) compreendendo às vezes o sentido geral, a intenção que tinha certa comunicação pra mim era suficiente. Podia às vezes atuar de modo impróprio, às vezes até fechar-me ante (.) alguns (.) interrogantes ou algumas algum convite para participação de algum diálogo justamente pela dificuldade, de desconhecimento, criando este tipo de resistência.

Quadro 4 – Cena 3

Legenda: P. – sujeito do estudo.



Nessa cena, além dos dois princípios anteriormente destacados (intersubjetividade e relação forma-sentido), fica evidente a transversalidade de níveis linguísticos, pois ao não produzir a forma fonológica adequada, P. se dá conta de que o interlocutor não consegue acessar o sentido. Isso evidencia que, durante a interlocução, o eu e o tu nem sempre conseguem estabelecer correferência nos sentidos, o que não permite uma compreensão mútua⁶.

Também, ao não escutar a forma, ele próprio atingia de modo parcial alguns sentidos produzidos pelo interlocutor. Ao não compreender uma palavra do enunciado (por não fazer parte do seu domínio semiótico) não lhe era possível compreender o sentido global da mensagem (processo de

semantização da língua), conforme ressalta Aresi⁵ ao refletir sobre a aquisição da linguagem. Essa mútua incompreensão entre P. e seus alocutários pode ter afetado, em muitos momentos, seu status de locutor, bem como o status de seu alocutário a assumir a palavra.

O efeito dessas situações foi certo isolamento e, por isso, o sofrimento que o levou a pedir ajuda a uma fonoaudióloga, tendo em si o imaginário de que tal profissional poderia auxiliá-lo no domínio fonológico ou na realização vocal da língua, para utilizar a terminologia benvenistiana. Na cena seguinte, o sujeito segue dando vários exemplos em que a identificação do signo pelo interlocutor não se deu, podendo criar constrangimentos sociais.

Fonoaudióloga	P
	<p>Recorte 1: Tava tentando expressar um pouco a ideia(.) de quanto o universo(.) é (.) de uma determinada linguagem, neste caso, o português brasileiro, como tu diz(.) se cria e (.) muitos exemplos que a gente trabalhou aqui ((referindo-se a sessões de terapia fonoaudiológica)): débito, crédito, e quanto implicação pode ter nestas circunstâncias ou seja da compra e da venda me mostraram como o som é (.) de uma /é/ ((referindo a vogal)) aberta ou fechada criam circunstâncias complexas dentro da sociedade; e (.) como a língua tende a proteger isto porque está protegendo um sistema de intercâmbio talvez muito mais complexo que uma operação de compra e venda. É o próprio sistema de intercâmbio sobre os quais se baseiam é (.) todas as interações. Então comecei a perceber isto, em determinado momento, que mais valia escutar, mais valia, passar por uma (.) terapia fonética, para (.) corrigir, cuidar, cuidar (.) o que eu podia escutar das pessoas. Talvez mais importante do que como eu posso me expressar. Porque comecei a escutar com mais respeito, com mais prazer, com mais dedicação quando consegui discriminar melhor os sons. Isto estou notando nestes últimos meses.</p>
<p>E (.) em questões bem práticas, P., você lembra assim, situações, agora como esta que tu citou do aluno ali (.) ((referindo-se a um outro trecho da entrevista)) situações do dia a dia em que isto interferiu?</p>	
	<p>Recorte 1: Sim. E (.) especificamente, mais senti quando a palavra era fundamental, quando era uma única oportunidade, quando você vê que certo grau na comunicação não te dá uma segunda oportunidade.</p>

	Recorte 2: Pode ser até, uma palavra que não faça parte do vocabulário português, que seja uma invenção (.) ou outras vezes, fonética por exemplo de sair de caça a sair de casa, o sentido totalmente diferente né, e que (.) pode em algum momento, fazer uma distorção e dizer, talvez até o contrário do que a gente esperava. E, e isso, acho que (.) na minha profissão como psicólogo pode ser até (.)trágico.
--	---

Quadro 5 – Cena 4

Legenda: P. – sujeito do estudo.

A leitura de Benveniste levou alguns autores^{8,14} a afirmar que, no discurso, não há signos, mas palavras que são agenciadas pelo locutor em circunstâncias únicas. Nesta cena, P. evidencia o impacto negativo que uma palavra mal colocada pode ter em uma circunstância de comunicação, tanto pelo erro em sua forma como em seu sentido. O ato de enunciar é único e irrepetível, pois depende de fatores que são únicos a cada situação, como o tempo (agora), o espaço (aqui) e a pessoa (eu-tu)¹, o que permite, em cada instância de uso da língua, sua atualização e reconfiguração enquanto sistema⁵.

Outro aspecto a ser ressaltado na análise das cenas de P, é a concepção de Infante¹⁹ sobre o processo de enunciar significativamente em L2. A autora diz que isto só é possível se relacionado a inscrições identificatórias na discursividade da língua alvo. Para além da questão das formas linguísticas e funções, tratar-se-ia do sujeito e sua singularidade contraditória posta em questão pelo

encontro com a segunda língua. O encontro com a L2 materializa uma contradição específica, representada por “perdas” e “ganhos”. Assim, os fatores não cognitivos seriam muitas vezes os determinantes do sucesso no processo de enunciar em L2.

P. coloca que passou a “escutar” melhor a partir da terapia fonoaudiológica. Talvez isso represente um “ganho” no contato com a L2, fazendo com que ele se identificasse com esta nova língua e, a partir disso, também tivesse mais interesse em expressar-se melhor e ser “escutado”.

Quando há afastamento entre significante e significado, entre forma e sentido, o que é evocado no outro, alocutário, não é relacionado a nenhum conceito. Contudo, o que pode não representar um signo para o ouvinte, o tu, pode o ser para o falante, o eu, o que pode acentuar a incompreensão entre os interlocutores²⁰.

Isso fica evidente na resposta de P. à pergunta da Fonoaudióloga transcrita abaixo:

T	P
((tosse)) Você se sente compreendido pelas pessoas com quem conversa ou acha que (.) o seu sotaque (.) a diferença na (.) na fala, atrapalha no reconhecimento das palavras?	
	Recorte 1: Me sinto compreendido às vezes mais do que sou compreendido.
Que bom!	
	Recorte 2: Não é (.), porque de fato é (.) muitas vezes eu falo, achando que estou atravessando este universo, este tesouro da linguagem que tem a língua portuguesa e eu acho que meu ego tá totalmente relacionado neste diálogo e neste intercâmbio de modo natural e a outra pessoa, por exemplo, faz uns (.) uma hora atrás, alguém (.) me pergunta né, por um termo que (.) evidentemente não formava parte da língua portuguesa né?

	<p>Recorte 3: Então às vezes meu ego se acha compreendido demais, daí o termo (.) tem alguns termos onde eu faço a, tem a transposição do espanhol para o português e que não correspondem de uma frase feita para a outra, perde o sentido. E outras vezes minha (.) dificilmente acontece o contrário, ou seja, que meu ego (.) me dá um aviso que eu não estou sendo compreendido pela própria língua.</p>
--	---

Quadro 6 – Cena 5

Legenda: P. – sujeito do estudo.

As regularidades e as combinações estabelecidas pela língua, entre significante e significado, entre forma e sentido proporcionam entendimento, porém não total, entre os interlocutores¹⁹. Além disso, deve-se considerar que a produção discursiva em L2 não resulta somente de algo adquirido separado da discursividade, como se fosse um processo de estocagem de palavras e de aplicação de regras e combinações, mas sujeito, língua e discursividade estão correlacionados¹⁹. No caso aqui analisado percebe-se que P. apresenta uma posição como falante frágil pelo domínio insuficiente da forma e também do sentido em situações que se colocam em seu dia a dia.

A relação entre forma e sentido pode ser muito evidente para aquele que enuncia (o eu), sem, no entanto, cumprir essa função para o interlocutor passivo (o tu)¹⁹. Talvez por isso a fala de P. não o tenha incomodado antes, apesar de já estar residindo no Brasil há 16 anos, pois como ele mesmo coloca em sua resposta, nem sempre ele percebeu que não foi compreendido.

Tal percepção parece ter ficado possível a partir do momento em que presenciou o processo terapêutico do filho que foi também sobre aspectos formais da língua (o mesmo possuía desvio fonológico), bem como um possível acúmulo da reação de interlocutores que acabaram por ter efeito reflexivo em P. Possivelmente esse efeito reflexivo se fez acompanhar da percepção de que poderia ter algum espaço de ajuda com a fonoaudióloga de seu filho.

Considerações finais

Ao longo desta comunicação, buscou-se evidenciar a contribuição da perspectiva Enunciativa para a compreensão do processo de aquisição tardia em L2. Em especial, pelo deslocamento dos princípios de intersubjetividade, relações de forma e sentido e transversalidade dos níveis linguísticos para análise dos aspectos relativos ao domínio⁸ de

L2 relatado por P. em sua entrevista. Também se utilizou da mesma abordagem teórica para considerar seu sofrimento durante as interações em L2 como uma forma de sintoma de linguagem⁷.

Além disso, embora existam relatos de utilização da teoria Enunciativa no ensino de L2^{16,19,21}, não se conhecem relatos de atuação de fonoaudiólogas em escolas de ensino de segunda língua. Por isso, também pareceu interessante trazer essa comunicação para o campo fonoaudiológico, pois parece que pouca atenção se tem dado ao sofrimento do aprendiz de segunda língua, naturalizando um processo que, por vezes, pode ser árduo e até gerar isolamento social. Esse dado também ressalta a posição terapêutica do fonoaudiólogo enquanto profissional que lida com o sintoma de linguagem, ou seja, como um funcionamento singular de linguagem que deve ser escutado para que a terapêutica opere como afirma Surreaux⁶.

Referências Bibliográficas

1. Silva CLC. A criança na linguagem: enunciação e aquisição. São Paulo: Pontes, 2009.
2. Flores MR, Beltrami L, Souza APR. O manhês e suas implicações para a constituição do sujeito na linguagem. *Distúrbios Comun.*, 2011; 23 (2): 143 - 52.
3. Ramos-Souza AP, Flores VN. A passagem de locutor a sujeito como efeito do processo de apropriação na clínica da infância: estudo de um caso. In Busnel MC, Melgaço, RG. O bebê e as palavras: uma visão transdisciplinar sobre o bebê. São Paulo, Instituto Langage, 2013, p.185-200.
4. Flores MR, Ramos-Souza AP. Diálogo de pais e bebês em situação de risco ao desenvolvimento. *Rev. CEFAC*, 2014; 16 (3): 840-52
5. Aresi F. A constituição da significação na língua pela criança: uma abordagem enunciativa na Aquisição da Linguagem. *Letrônica*, 2011; 4(2): 80-93.
6. Surreaux LM. Linguagem, sintoma e clínica de linguagem [Tese]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2006.
7. Flores VN. Benveniste e o sintoma de linguagem: a enunciação do homem na língua. *Letras*, 2006; 33: 99-118.
8. Cardoso JL. Princípios de análise enunciativa na clínica dos distúrbios de linguagem [Tese]. Porto Alegre (RS): Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 2010.



9. Oliveira LD, Ramos-Souza AP. O distúrbio de linguagem em dois sujeitos com risco para o desenvolvimento em uma perspectiva enunciativa do funcionamento de linguagem. *Rev CEFAC*, 2014;16(5):1700-12.
10. Alves UK, Zimmer MC. Perceber, notar e aprender: uma visão conexionista da consciência do aprendiz na aquisição fonológica da L2. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, 2005; 3(5). ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].
11. Hahn LH. Existe vocalização da lateral na aquisição do inglês como segunda língua? *Verba Volant*, 2011; 2 (2) – ISSN 2178-4736.
12. Mora JC, Nadeu M. L2 effects on the perception and production of a native vowel contrast in early bilinguals. *International Journal of Bilingualism*, 2012; 16: 484-500.
13. Gass, SM. *Second Language Acquisition: An Introductory Course*. Routledge: 2013.
14. Bender S, Surreaux, LM. Os efeitos da fala da criança: a escuta do sintoma na clínica de linguagem. *Cadernos do IL*, 2011; 42: 129-45. EISSN:2236-6385.
15. Flores VN. Fato, nível de análise linguística e transcrição: três operadores de análise enunciativa. In Leffá V, Ernest A. (orgs) *Linguagens: metodologias e pesquisa*. Pelotas, EDUCAT, 2012, p.150-64.
16. Machado VP. Um diálogo entre aquisição de língua e enunciação. *Cadernos do IL*, 2014; 48: 82-103.
17. Werner KCG. A Intersubjetividade antes da Subjetividade na Teoria da Enunciação de Benveniste. *Signótica*, 2006; 18 (2): 397-411.
18. Benveniste E. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
19. Infante SS. Singularidade Discursiva na Enunciação em Segundas Línguas. *Cad. Est. Ling.*, 2000; 38: 109-20.
20. Surreaux LM, Lima TM. Relações possíveis entre a Linguística da Enunciação e a Clínica de Linguagem. *ReVEL*. 2011; 9: 356-70.
21. Biasotto-Holmo M. Para uma abordagem enunciativa no ensino/aprendizado de língua estrangeira. *Revista do GEL*, 2008; 5 (2): 163-79.

